

## Corpo, trajetória e resistência: uma abordagem interseccional<sup>1</sup>

Kênia Araújo Pires<sup>2</sup>

A presente pesquisa, ainda em desenvolvimento, tem por objeto de estudos a relação estabelecida entre corpo, trajetória de vida e estratégias de resistência por um determinado grupo, circunscrito às participantes da oficina “Processos escavatórios para habitar o corpo – Resistências feministas na arte da vida”. Ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, entre abril e julho de 2016, teve como público uma multiplicidade de sujeitos, em sua maioria mulheres, com distintos marcadores sociais de diferença.

A oficina é resultado de uma proposta elaborada para compor o projeto “Plataforma de Emergência”, do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), localizado no centro do Rio de Janeiro. Este projeto consiste em uma parceria entre todas as universidades do Rio de Janeiro que tivessem interesse em se inserir, e a ideia era que algumas disciplinas ou cursos de extensão fossem deslocadas para o CMAHO. Ângela Donini, professora de Filosofia da Unirio que desenvolvia um projeto de extensão chamado “Processos escavatórios para habitar o corpo”, então, convidou Cíntia Guedes, Camila Barcelar e Sara/Elton para participar da elaboração de uma oficina com essa mesma temática, dando origem a oficina “Processos escavatórios para habitar o corpo – Resistências feministas na arte da vida”.

A oficina, cuja carga horária possuiu 48 horas-aula, sendo distribuída em encontros<sup>3</sup> semanais de 4 horas de duração, não foi idealizada para que funcionasse

---

<sup>1</sup> GT08: Epistemologias do Sul na perspectiva do Paradigma da Complexidade

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Email: pireskenia@gmail.com.

<sup>3</sup> Durante a oficina era utilizado pelas proponentes o termo “encontros” no lugar de “encontros”. Opto também por utilizar no presente texto a feminilização das palavras no plural, tanto por uma demarcação

como um curso, através da transmissão de conteúdos, e sim para ser um espaço de criação coletiva em que o conhecimento passasse pelo corpo. As encontros eram marcadas por dois momentos: as práticas corporais e de imaginação, e as rodas de conversa. Foram utilizadas ferramentas da performance e do audiovisual atreladas a uma bibliografia de perspectiva descolonial que priorizou escritoras latinas e negras, como Glória Anzaldúa e Audre Lorde, refletindo também sobre outras cosmologias, através de trechos do livro “A queda do céu”, do xamã yanomami Davi Kopenawa. O que é tido em nossa sociedade como “loucura” perpassou as encontros enquanto uma outra cosmologia ou forma de habitar o mundo através dos ensinamentos de Estamira e dos falatórios de Stela do Patrocínio.

A oficina foi dividida em três movimentos temáticos: VRIM: Vidências Rupestres Indianárias Mediúnicas; VRUM: Vultos Revoltados Urgentes Masturbatórios; VRAU: Virulências Radioativas Atraks Urbana. Pode-se dizer que ela configura-se enquanto um espaço de criação de formas de percepção sobre o corpo e reflexão sobre os processos subjetivos que o perpassam. Os três movimentos realizados durante a oficina partem da escavação de memórias, trajetórias e percepção da existência de “frequências mortas” no corpo em ruínas, em direção à transformação dessas frequências em potências criativas. Busca-se “se livrar da carne morta” e ressurgir com uma nova roupagem, em um movimento dialético que perpassa o desfazer-se para que possa existir de novo – (re)existência.

A partir dessa experiência, busco pensar o corpo e suas potencialidades enquanto lugar de construção de micro resistências cotidianas. No decorrer da oficina, as memórias acessadas pelas participantes através das práticas corporais evidenciaram a relação existente entre corpos e trajetórias, principalmente devido às marcas sociais que eles carregam, reverberando em relações sociais desiguais. Assim, o tema da

---

política quanto pelo fato de a grande maioria das pessoas presentes na oficina se identificarem com o gênero feminino.

interseccionalidade perpassa as discussões auxiliando a compreensão de como as relações de poder operam, enquanto as trajetórias auxiliam na compreensão dos processos de singularização vivenciados pelos sujeitos.

Kimberle Crenshaw (2004) inaugura o conceito de “interseccionalidade” ao refletir sobre as discriminações de gênero e raça que marginalizam as mulheres negras. Ela cunhou esse termo a partir de um episódio em que um grupo de mulheres negras entrou com um processo contra a *General Motors* devido ao fato de a empresa se recusar a contratar mulheres negras. O processo foi considerado sem fundamento, uma vez que homens negros e mulheres brancas eram contratados na empresa, os primeiros em serviços na linha de montagem, considerados serviços masculinos, e as segundas nos serviços considerados femininos, como secretaria. Houve por parte do tribunal o não entendimento de como a discriminação de raça e de gênero operam juntas atingindo um grupo específico. Crenshaw explica a interseccionalidade através da imagem de ruas que seguem diferentes direções e se cruzam. Essas ruas são eixos de dominação, enquanto o tráfego representa a atuação da dominação. Algumas pessoas estão posicionadas no meio de duas ou mais intersecções, como é o caso das mulheres negras.

Seria impossível realizar a pesquisa a que me disponho sem levar em consideração a abordagem interseccional, uma vez que os marcadores sociais de diferença não apenas marcam os corpos e as trajetórias dos sujeitos, como também são elementos constituintes de sua subjetividade. Fatores como gênero, raça, sexualidade e etnia influenciam na forma de engajamento no mundo e nos significados atribuídos às experiências.

Atreladas às discussões sobre interseccionalidade, recorro também às teorias descoloniais. Muitas das práticas corporais realizadas na oficina em questão estão diretamente relacionadas à proposição existente no campo das artes de se pensar a performance enquanto pedagogia. Para o *performer* chicano Gómez-Peña (2005), membro e criador do grupo *La Pocha Nostra*, a performance é uma arma através da qual

se pode descolonizar o corpo, sendo ele lugar de criação, centro de relações de dominação e do universo simbólico de cada pessoa. A performance é uma forma de teoria incorporada ao corpo, e busca “abrir un espacio utópico/distópico temporal, una zona desmilitarizada em la cual el comportamiento radical significativo (no superficial) y el pensamiento progressista son permitidos, aunque sólo durante el tiempo de duración de la pieza” (p. 205). Se os estudos de interseccionalidade são eficazes em constatar as marcas que os corpos carregam e as relações de poder oriundas dessa encruzilhada, as teorias descoloniais fornecem o pano de fundo em que essas relações se criam.

Segundo Lugones (2015) a colonialidade é a negação de outras formas de vida, ontologias e cosmologias que não sejam aquelas impostas pela modernidade, gerando a desumanização de determinados povos. Ela se entranha em todos os aspectos da nossa vida, desde os nossos corpos até as dinâmicas macroestruturais que vivenciamos. Para resistir à colonialidade é preciso buscar meios de fugir de sua lógica, construir práticas comunitárias e de coalizão. Uma práxis feminista descolonial, para a autora, consiste em não reproduzir preceitos epistemológicos universalizantes no que diz respeito ao gênero e enxergar a diferença colonial na construção desta categoria. Curiel (2009), de forma semelhante, utiliza o conceito de descolonização como uma proposta epistemológica e política para contar a história do feminismo no contexto da América Latina e Caribe, articulando em sua perspectiva os atravessamentos de raça, etnia, classe e sexualidade.

Se aceitamos o pressuposto de que a modernidade e seus efeitos são um projeto da colonialidade, compreendemos que nossas ruínas estão relacionadas a esse modelo. Guattari (1986; 1990) afirma que o capitalismo mundial integrado é responsável por construir em nós o que ele chama de “subjetividade capitalística”. O capitalismo não é apenas um modo de produção, mas possui também uma semiótica, um discurso, empreendendo uma exploração tanto econômica quanto subjetiva. No capitalismo há uma laminação das subjetividades, um aplainamento das diferenças, de forma a gerar o que o autor chama de “equivalência generalizada”, que se refere ao processo de

individualização e homogeneização gerado pelo capitalismo. Em uma direção oposta aos processos de individualização existem os processos de singularização, que dizem respeito à construção de modos de subjetivação singulares, porém construídos a partir de agenciamentos e experiências coletivas.

É com base nessas reflexões que a oficina “Processos escavatórios para habitar o corpo – Resistências feministas na arte da vida” surge como uma proposta de refletir sobre essas ruínas, escavá-las e habitá-las. O acesso às ruínas e frequências mortas se dá através de práticas corporais que são acionadoras de processos subjetivos, sendo o corpo lugar de conhecimento e memória. As ferramentas oriundas do universo da performance não aparecem aqui com a finalidade de se criar uma obra, mas antes como uma pedagogia e forma de apreender o mundo, visando uma descolonização do próprio corpo e do pensamento.

A oficina constituiu-se como uma experiência coletiva que tinha por objetivo a fuga das lógicas do cotidiano e da modernidade em que estamos inseridas. Foi um espaço de construção de comunidade, por mais que efêmera, de aprendizado, criação de alianças, conexões e trocas. Compartilhamos narrativas, histórias, percepções, sonhos, ideias, toques e estratégias de sobrevivência, buscando compreender o lugar que ocupamos no mundo e nas redes de poder, rumo à descolonização de nossas relações com as outras pessoas e com o mundo.

## Referências

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 31 julho 2017.

CURIEL PICHARDO, Rosa Ynés Ochy et al. Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde América Latina y el Caribe. In: *Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista*, Buenos Aires, 2009. Disponível em:

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul  
v. 2, n. 1, 2018.

<http://www.bdigital.unal.edu.co/39749/1/ochycuriel.2009.pdf.pdf>. Acesso em: 31 julho 2017.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. En defensa del arte del performance. *Horizontes antropológicos*, v. 11, n. 24, Porto Alegre, 2005.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, Florianópolis, 2015.